

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
GESTOS & FRAGMENTOS:  
FILMES, OUTRAS PEÇAS MUSEOGRÁFICAS E REGISTOS DA VIDA DA CINEMATECA  
Filmes para ver esta semana (de 13 a 16 de abril 2020)

# LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA / 1930

um filme de Leitão de Barros

**Realização:** Leitão de Barros / **Assistente de Realização:** António Lopes Ribeiro / **Fotografia:** Artur Costa de Macedo / **Legendas:** Geliciano Santos / **Interpretação:** Adelina Abranches, Chaby Pinheiro, Alves da Cunha, Estevão Amarante, Irene Isidro, Augusto Costa (Costinha), Nascimento Fernandes, Augusto Melo, Teresa Gomes, Aura Abranches, Beatriz Costa, Erico Braga, Maria Lalande, Alfredo Ruas, Emília de Oliveira, Rosa Maria, Oliveira Martins, Vasco Santana, Ester Leão, Josefina Silva, Adelina Fernandes, Eugénio Salvador, Ema de Oliveira, Berta Bivar.

**Produção:** Salm Levy Júnior / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda, com intertítulos / **Duração da versão restaurada:** 125 minutos (a 18 imagens por segundo) / **Estreia:** São Luiz e Tivoli, em 1 de Abril de 1930.

---

## NOTAS SOBRE O RESTAURO:

Do filme **Lisboa, Crónica Anedótica** conserva a Cinemateca Portuguesa duas cópias de época, em suporte de nitrato de celulose. Uma delas, a mais completa e com 2466 metros, corresponde à versão montada que foi conhecida dos espectadores portugueses, nomeadamente através das suas muitas exhibições na nossa sala a partir duma primeira acção de preservação levada a cabo pela Cinemateca nos anos 70. A segunda cópia, muito incompleta – apenas com 1507 metros – e com uma montagem totalmente diferente, que por vezes nem sequer faz sentido, apresenta diversas evidências de se tratar dum positivo de trabalho, e não duma montagem final.

No entanto, esta segunda cópia inclui duas cenas até agora nunca vistas na anterior versão e que, pela sua coerência, nos pareceu fundamental incluir no novo restauro que agora se apresenta: a sequência dos beijos e a dos cinemas e teatros de Lisboa.

Assim, trabalhou-se a dois níveis:

- por um lado, a possibilidade de tornar a pegar nos elementos originais de época (a cópia “completa”) e a partir dela assegurar uma nova duplicação com a qualidade que as mais recentes técnicas de restauro fotoquímico possibilitam (optimizando os resultados ao nível da qualidade fotográfica, contraste e definição, e da eliminação de riscos e outros danos físicos);
- por outro a inclusão de duas sequências completamente novas, enriquecendo o conhecimento desta obra de Leitão de Barros, de acordo com as indicações de montagem existentes na cópia “incompleta”;

A metragem final desta nova cópia restaurada é de 2570 metros, correspondendo – a uma cadência de projecção de 18 imagens por segundo – a 125 minutos, ou seja, mais 5 minutos do que os 120 anteriormente conhecidos. A diferença de metragem deve-se portanto à inclusão das duas cenas referidas, mas também ao facto de, em algumas sequências de fim e início de partes, ter sido possível recuperar fotogramas que a usura do tempo e os acidentes de projecção de todos estes anos haviam destruído e que agora foi possível voltar a duplicar a partir dos originais.

---

**Lisboa, Crónica Anedótica** é sem dúvida um dos mais interessantes filmes portugueses do tempo do mudo. Embora haja uma diferença de vulto em relação a **Douro, Faina Fluvial** há alguns pontos de encontro entre os filmes de Leitão de Barros e Manoel de Oliveira, principalmente a intenção de serem algo mais do que retratos das duas cidades. É evidente que a solução de Barros é mais ambiciosa, mas resulta também a mais artificial, anedótica, como muito bem reconhece o título. O objectivo do filme era dramatizar a cidade, mostrando-a como um ser vivo, construído exactamente como um percurso humano: o "*como se nasce, se vive e se morre em Lisboa*" torna-se, por metonímia, a própria "vida" da cidade, com o filme construído de forma circular, do amanhecer (a alvorada do dia acompanhando os nascimentos na Misericórdia e as crianças nos estabelecimentos de ensino) ao pôr-do-sol (os velhos nos asilos, os ciprestes do cemitério). O carácter artificial da iniciativa surge, porém, no recurso aos episódios de ficção, ou melhor, às rábulas (que outra coisa não são) que permitam a inclusão de uma série de actores populares, presença e rábulas que, mais do que qualquer outro aspecto, contribuiu para o sucesso do filme de Leitão de Barros. Aí temos, por exemplo, Nascimento Fernandes num caricato polícia sinaleiro, galante e confundido, estabelecendo o caos no trânsito, numa réplica aos burlescos americanos (que ele já imitara nalgumas curtas metragens no fim da década de 10, como **Nascimento Sapateiro**), aí temos Vasco Santana com o seu inconfundível estilo, como revisor de eléctrico enquanto Costinha está na condução, aí temos Chaby Pinheiro confundindo o inglês de um turista na feira da Ladra, ou Amarante no provinciano que vai para a tropa e apalpa a cinta do manequim, ou Alves da Cunha no episódio dramático do operário do Alfeite, ferido em serviço, ou ainda a breve passagem de Erico Braga, expondo a sua máscara social de galã, o *tombeur de dames*, que a legenda identifica como o "homem fatal" (tipo Valentino lusitano, fazendo desmaiar meninas e matronas ao passear-se de automóvel no Campo Grande).

Apesar do desequilíbrio que o filme apresenta, **Lisboa, Crónica Anedótica** é hoje um documento de importância incontornável para conhecermos o passado próximo da capital portuguesa, com tudo o que de então para cá desapareceu, quer na paisagem quer nos costumes: o mercado da Praça da Figueira, as varinas e aguadeiros, saloios e vigaristas (que agora são de outro coturno com "contos" mais requintados), os ronçeiros eléctricos que paravam por tempo indeterminado à espera de despedidas, o tempo em que a Cruz Quebrada ainda era uma praia popular, etc.

Mas, para além deste aspecto sociológico, **Lisboa, Crónica Anedótica** apresenta ainda outros pormenores dignos de interesse. Se o humor é na maior parte dos casos medíocre, resultante de encenações pouco imaginosas (a bilha partida com o garoto e a velha, o conto do vigário ou o episódio de Amarante), há também momentos sugestivos quando se trata de captar as coisas sem artifício. É o caso (talvez um dos momentos maiores do filme) dos velhos do asilo, um pequeno primor de humor negro (mais que negro, macabro), com os velhos construindo "alegremente" os caixões que talvez se destinem a eles próprios.

Resta uma questão, que talvez tenha importância. **Lisboa, Crónica Anedótica** é um filme de Leitão de Barros ou de Artur Costa de Macedo? Sem querer tirar os louros que ao primeiro cabem, tudo leva a crer que o melhor do filme se deve ao grande operador que foi Costa de Macedo, que a pobreza do nosso meio cinematográfico levou ao afastamento. Basta lembrarmos o seu trabalho com Leitão de Barros em **Nazaré, Praia de Pescadores** e compararmos este com o filme seguinte de Leitão de Barros, o celebrado **Maria do Mar**, para vermos como tudo o que este tem de bom está no primeiro (sua inspiração) e os defeitos narrativos são comuns a outros filmes de Barros, como **Ala Arriba**. Basta lembrarmos, principalmente, o que resta de **Alfama, Velha Lisboa**, assinado por João de Sá e Artur Costa de Macedo e verificaremos que tudo o que **Lisboa, Crónica Anedótica** tem de bom está naquele filme, e que o último retoma planos e imagens, inclusive ângulos de câmara e insólitos movimentos por entre as ruelas. Por outro lado, a fragilidade dos momentos de ficção são apanágio dos filmes que Leitão de Barros fará depois, revelando, desde já, o seu gosto pela "encenação" histórica na ridícula sequência da evocação dos Descobrimentos, intragável pastelão que antecipa o seu **Henrique o Navegador**, de 1960.

Manuel Cintra Ferreira